

IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTURAIS E DOS TIPOS DE CULTURA NA BASE DA CERÂMICA DAS JAZIDAS ARQUEOLÓGICAS

BETTY J. M^EGGERS E CLIFFORD EVANS
Smithsonian Institute

INTRODUÇÃO

Os arqueólogos já se distanciaram muito do tempo em que se contentavam em meramente descrever e catalogar os fragmentos curiosos, deixados por povos desaparecidos. Graças, em parte, ao grande acervo de dados acumulados, que fornecem uma base para interpretação e, em parte, ao desenvolvimento de técnicas novas e engenhosas para estudar e datar o que encontram, podem ir longe os arqueólogos de hoje, na tarefa de recriar a cultura geral e complexa que outrora se associava aos restos materiais, fragmentários, que têm em mãos. É, entretanto, ainda tão grande o abismo, em referência à plenitude da apresentação, entre a descrição minuciosa que um etnólogo é capaz de ministrar sobre uma cultura viva, e a informação especializada que um arqueólogo pode produzir sobre uma cultura extinta, que poucos etnólogos se atreveram a fazer uso da evidência arqueológica ao tentar retrair a história de uma tribo atual. Análogamente, os arqueólogos têm praticamente desistido de usar dados etnológicos, porque esses dados se orientam primordialmente no sentido da cultura não-material, que não tem expressão numa documentação arqueológica. Dê-se impasse decorre a circunstância de o arqueólogo e o etnólogo irem cada qual para o seu lado, com muito pouca compreensão mútua dos respectivos problemas. Não obstante, nestes últimos anos

está começando a emergir um campo comum a uns e outros no âmbito teórico da antropologia geral.

A teoria cultural tem sido tradicionalmente o objeto da etnologia, que dos dados de que dispõe, tem depreendido um grande número de processos culturais e conceptualizações. Entre as suas contribuições neste sentido, contam-se as áreas culturais, os níveis de desenvolvimento cultural, a difusão, a aculturação e a ecologia cultural. Por outro lado, à medida que os arqueólogos vão cada vez mais se capacitando do problema de interpretar a massa crescente de coisas desenterradas, vão começando a sentir, por sua vez, a necessidade de um fundamento teórico que os auxilie a tornar seus dados inteligíveis. Nesta nossa recapitulação — simplificada embora — do que está sucedendo, não há como pôr em dúvida que a recente onda de interesse pela teoria, entre os arqueólogos, decorre de terem compreendido que o tipo de arqueologia confinado à mera descrição e reconstrução das seqüências históricas não consegue trazer uma contribuição de primordial importância para a compreensão científica de uma cultura.

Na sua tentativa no sentido de ultrapassar a mera descrição dos restos materiais, padece a arqueologia da falta, na sua documentação, de muitos elementos do inventário minucioso de traços de que

se servem os etnólogos para caracterizar as tribos e as culturas atuais. Depois que o tempo se banqueteu com as miríades de pratos variados que compõem o luxurioso repasto etnológico, só restam ossos e louça quebrada, e muito poucos dos utensílios que foram utilizados. Dêsses pedaços de evidência, pode o arqueólogo determinar em linhas gerais o que foi consumido e apreciar-lhe o grau de elaboração, mas só pode enumerar os pratos, em sua grande maioria, pela classe geral a que pertencem; escapa-lhe a detalhada confecção de cada um. Com tão diferentes possibilidades de garantia, é óbvio que para comparar o passado e o presente se tem de encontrar um meio de generalizar a informação minuciosa coligida pelos etnólogos. Da mesma sorte, têm de ser vistos em termos amplos os dados coligidos pelos arqueólogos, e é preciso objetivar conclusões sobre os aspectos não-materiais da cultura, tanto quanto permita a cautela científica, a fim de se chegar a uma reconstrução da cultura, tal como outrora funcionava.

Os dois maiores recursos classificatórios para agrupar culturas em categorias mais amplas são a área cultural e o tipo de cultura (nível de desenvolvimento). Diferenciam-se entre si não só pela presença e ausência, respectivamente, de uma localização geográfica, mas também pela espécie de características que se usam para defini-los. STEWARD (1955, p. 85) mostrou que as áreas culturais se baseiam em elementos (ou traços) distintivos, ao passo que os tipos de cultura se definem por diferenças em morfologia. Em qualquer dos casos, é muitas vezes difícil identificar culturas arqueológicas com áreas culturais ou tipos de cultura, porque faltam freqüentemente os traços diagnósticos na documentação arqueológica. Uma aceitação da integração funcional dos traços culturais concorre para remediar essa de-

ficiência, contudo, uma vez que permite deduzir toda a cultura de certas de suas partes. Ora, a forma mais geral de testemunho arqueológico na América do Sul é a cerâmica, e será o propósito deste artigo investigar a possibilidade de usar as características da cerâmica para discernir aspectos sócio-políticos e religiosos de uma cultura arqueológica, para avaliar a sua complexidade e conseqüentemente para permitir a sua identificação nas classificações por áreas culturais e tipos de cultura. Como a maior parte da nossa experiência em trabalho de campo e interpretação arqueológica tem sido na América do Sul, vamos basear a análise e os critérios de identificação no testemunho sul-americano. De serem os resultados, aqui, dignos de confiança não se segue, necessariamente, que se possa usar indiscriminadamente o mesmo método em todas as outras partes do mundo. Confiamos, contudo, que muitos arqueólogos se sentirão estimulados a fazer prova alhures e apresentar os resultados a que por sua vez chegarem.

AS POTENCIALIDADES DA INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Ao atacar o problema da identificação dos complexos de área cultural ou dos tipos de cultura na documentação arqueológica, é importante reconhecer, de início, que nem todas essas classificações são igualmente suscetíveis de identificação arqueológica. É o que bem ilustra a comparação da classificação das áreas culturais da América do Sul, de STEWARD (1946-50) e a proposta por MURDOCK (1951).

MURDOCK criticou a divisão quadripartida de STEWARD em Área Marginal, Área da Floresta Tropical, Área Circunarbórea e Área Andina, baseando-se em dois grandes motivos: 1) Incluem-se todos os traços culturais na análise, daí resultando

que em dada área se usam certos critérios, quando não se dispõe de informação equivalente para outra área; 2) A definição de Área Marginal é feita em grande parte em termos de ausência de traços ocorrentes nas outras três áreas. Em substituição, propõe MURDOCK a divisão da América do Sul em vinte e quatro áreas culturais na base de nove categorias uniformes de traços. Três dêles se referem à subsistência, dois à cultura material, três à organização social e um à linguagem.

No balanço da utilidade relativa dessas duas classificações por áreas culturais para a interpretação arqueológica, convém ressaltar antes de tudo que os dois grandes defeitos notados por MURDOCK nos critérios de STEWARD são defeitos inevitáveis na documentação arqueológica. O tempo, em seu fluir, e a natureza do clima são, conforme o caso, a alegria e o desespero do estudioso do passado, propiciando-lhe numa área um maravilhoso acervo de evidência e em outra área apenas um ou dois traços escassos, do que resulta enorme grau de desigualdade nos dados comparativos. Em virtude da vida nômade e de uma utilização muito parca de materiais não-perecíveis, as culturas Marginais têm de ser postuladas quase sempre na base de um testemunho que não é apenas "primariamente negativo" mas negativo integralmente. Basta considerar que (com exceção de certas partes da Área Andina) somente dois dos nove tipos de informação empregados por MURDOCK estão ao alcance da arqueologia com certo grau de exatidão (1) — havendo, é verdade, a possibilidade de inferir um terceiro (2), — para se apreciar prontamente a diferença de aplicabilidade das duas classificações aos restos arqueológicos.

Mas o fato de corresponder a evidência etnográfica em que repousa a classificação de STEWARD, à que está ao alcance da documentação arqueológica, não é o

único aspecto que nos torna útil o seu sistema. O mais importante é que êle reconhece, explícita ou implicitamente, dois fatores constantes tanto nas culturas atuais como nas culturas extintas: o ambiente natural e os recursos de subsistência. Assim, a área das culturas Marginais consiste principalmente de charneças, elevações, savanas ou encostas desnudas, que se prestavam mais para a caça e a coleta do que para o cultivo com os métodos aborígenes; a área da Floresta Tropical é uma terra baixa arborizada, propícia a uma agricultura que se desloca e opera por derrubada e queimada; a área Circun-caríbia ocupa uma região onde os recursos alimentares eram mais permanentes ou mais produtivos; e a área Andina representa o desenvolvimento máximo da agricultura aborígene na América do Sul, favorecida que é, por um deserto irrigável e férteis vales montanhosos. Como as condições de solo e clima não sofreram alteração relevante na América do Sul durante 5.000 anos até hoje, ou mesmo mais, têm-se mantido possibilidades e limitações semelhantes, para a adaptação humana, desde que o homem começou a praticar a agricultura no continente sul-americano. Para o etnólogo, tal espécie de conclusão tem pouca significação imediata; mas para o arqueólogo ela é altamente importante, porque — quando combinada com o conhecimento do tipo geral de cultura que se associa aos diferentes padrões de sub-

- 1 "A incidência e a importância relativa das principais técnicas para obtenção de alimento" e "a incidência de certas manufaturas selecionadas, em vários graus de complexidade, especialmente a cerâmica, a fiação e a metalurgia" (Murdock, 1951, p. 416).
- 2 "O grau relativo de desenvolvimento do comércio, das classes sociais e das instituições políticas" (ibid.).

sistência em nível quer histórico, quer etnográfico — permite uma interpretação mais segura e minuciosa da cultura extinta, do que a que se poderia obter pela análise exclusiva dos restos materiais de cultura.

As diferenças grandes e gerais, ressaltadas nas áreas culturais de STEWARD, são também extremamente valiosas para o arqueólogo. A definição mínima para Cultura de Floresta Tropical — um complexo assente no “cultivo de raízes de plantas tropicais, especialmente a mandioca amarga; a utilização efetiva da navegação fluvial; o emprêgo da rêde como leito; e a manufatura cerâmica” (LOWIE, 1948, p. 1) — pode ser em verdade insatisfatória para o etnólogo, que, tendo a seu dispor um grande acêrvo de dados, é capaz de chegar a distinções mais rigorosas. Entretanto, para o arqueólogo que trabalha num ambiente hostil à preservação de materiais perecíveis, há aí uma orientação sôbre o tipo ou nível geral de cultura com que está lidando. Em face do atual padrão da cultura de Floresta Tropical, pode-se interpretar muito mais plenamente os modelos de sítio arqueológico (inclusive tamanho, natureza e localização das jazidas) e a perícia técnica que a cerâmica demonstra. As armas de pau ou bambu, os ornamentos de penas e grãos, as casas de estaca e colmo e uma organização social, baseada no parentesco e desprovida de distinções de classes sociais e especializações ocupacionais, se associam hoje a uma agricultura de derrubada e queimada, a aldeias pequenas em freqüente mudança e a uma cerâmica simples; é, portanto, razoável supor que êsses dois grupos de traços também se correspondiam no passado arqueológico. Seria, ao contrário, impossível transpor para a perspectiva arqueológica as áreas culturais de MURDOCK, porque elas se definem por diferenças de detalhe, e só para as

culturas atuais é que se pode levar em conta o tipo da terminologia do parentesco, as regras de casamento, o papel específico dos sexos na agricultura e as espécies de plantas cultivadas.

Apesar de têrmos assim demonstrado que a classificação das áreas culturais de STEWARD apresenta muitos aspectos que a tornam aplicável à interpretação arqueológica, temos de reconhecer que ela insiste na evidência perecível, em virtude de se ter desenvolvido de dados etnológicos. Assim, embora dando um grande passo para ir ao encontro do que necessita o arqueólogo, ela pode tornar-se ainda mais útil mediante a adição de critérios mais especificamente de cultura material. A ausência da cerâmica é um critério cômodo para se depreender uma cultura Marginal, mas as grandes distinções entre as outras três áreas se situam no âmbito da organização sócio-política. É muitas vêzes possível reconstruir êsses aspectos por meio de indicações arqueológicas, como sejam as estruturas dos templos, o tratamento diferencial dos mortos, as obras de irrigação, grandes tesos artificiais, objetos rituais elaborados etc.; mas há muitas jazidas que, por um ou outro motivo, oferecem muito pouca evidência além da cerâmica. A melhor possibilidade para identificá-las como de Floresta Tropical, Circuncaríbia ou Andina está na nossa habilidade em dar mais rigor à análise cerâmica a fim de depreender as diferenças tecnológicas que se associam a êsses três tipos diversos de desenvolvimento sócio-político. Nos últimos anos têm-se arrancado verdadeiros milagres dos cacos, fazendo-se dêles uma base para reconstrução cronológica e espacial na história e difusão das culturas, de uma maneira que seria inconcebível há algumas décadas passadas. Teòricamente, cabe ainda esperar que a cerâmica dê indicações sôbre as diferenças fundamentais de

especialização ocupacional quer dos que a usaram, o que servirá para penetrar na complexidade da organização social. Que isso com efeito é possível, mostra-o a tentativa de WILLEY (1949) para formular uma análise do desenvolvimento das cerâmicas sul-americanas. A sua subdivisão quadripartida em — “Cerâmica Rudimentar Sem Decoração”, “Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Simples”, “Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Regulada” e “Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Adiantada” (op. cit. pp. 153-60) não corresponde às divisões de áreas culturais de STEWARD tão exatamente quanto seria de desejar (cf. Fig. 1 e Fig. 2), mas um exame mais detido nos sugere que o defeito está antes na maneira por que WILLEY aplicou o seu método do que no método em si. Por isso, procuraremos dar mais rigor aos critérios cerâmicos e reavaliar a distribuição dos níveis cerâmicos na base do testemunho arqueológico que se conseguiu posteriormente à análise de WILLEY.

Convém assinalar que com isso ainda não chegamos a uma distinção precisa entre as tecnologias de cerâmica ditas Simples, Regulada e Adiantada. Isto em parte é culpa dos dados, pois a situação arqueológica em muitas partes da América do Sul continua ainda desconhecida. Exceto na área Andina, que está mais bem estudada, não passa de uma dúzia o número de culturas arqueológicas, em cada área, com descrições minuciosas dos tipos de cerâmica, inclusive a análise percentual da popularidade das formas do vaso e da frequência da decoração. Daí, muitos dos critérios usados para a definição cerâmica terem de ser expressos em termos gerais, e algumas das diferenças se apresentarem difusas. Com um maior conhecimento das características cerâmicas, obtidas pela ampliação do trabalho

arqueológico, será possível dar ainda mais rigor a muitos dos critérios e talvez formulá-los em termos quantitativos. Um de nossos propósitos, ao assim debater o problema no estado atual do conhecimento, é chamar a atenção para as possibilidades com que a análise nos acena na apreciação dos níveis de desenvolvimento cultural. O fato de se provarem promissores os resultados, apesar da falta de uma definição precisa das categorias, dá-nos a entender que será recompensador um esforço mais intenso no sentido de aperfeiçoar a análise cerâmica.

CRITÉRIOS PARA A IDENTIFICAÇÃO CERÂMICA DOS COMPLEXOS DE CULTURA

Para estabelecer uma lista de aspectos que se pode usar como identificação de um nível *geral* de desenvolvimento cultural, e não de uma cultura *particular* ou um estilo de arte cerâmica, o problema é evitar uma atitude quer excessivamente geral, quer excessivamente específica. A fim de ser latamente aplicáveis, os critérios devem deixar de lado traços localizados ou especializados de manufatura ou decoração, procurando antes exprimi-los em termos de suas qualidades básicas. Uma generalização muito ampla corre o risco de obscurecer as distinções que desejamos ressaltar, enquanto uma precisão muito grande aumentará o número de casos intermediários, que não se adaptam facilmente a qualquer das categorias. Reconhecendo estas dificuldades, procuramos descrever três categorias distintas de desenvolvimento cerâmico. Os seis critérios que as diferenciam, são de aplicação tão uniforme quanto é possível no momento atual; foram selecionados porque revelam a competência tecnológica dos oleiros e as exigências especiais da respectiva clientela.

CERÂMICA SIMPLES

DEFINIÇÃO CERÂMICA DA CULTURA
DE FLORESTA TROPICAL

Um exame extenso e muitas vezes repetido de mais de 150.000 cacos, representando culturas arqueológicas da bacia amazônica, suplementado pela observação etnográfica de características da cerâmica das Guianas, indica que os seguintes traços gerais de cerâmica estão associados com a cultura de Floresta Tropical:

1. Formas de vaso limitadas a um pequeno número de modelos para uso doméstico; falta de simetria característica. Muito poucas formas sem destino de recipiente.

2. A borda é de contorno extremamente variável para um mesmo vaso ou de um vaso para outro. Intenção de fazer um bocal circular.

3. Superfícies de vaso geralmente alisadas, mas não propriamente lisas, regulares ou polidas; nenhuma camada de revestimento típica.

4. Decoração aplicada a menos de 5% dos cacos.

5. Ornamentação feita mais frequentemente por incisão, lixamento, raspagem, punctura, marcação à unha ou ponta de dedo, ou por pintura numa só côr ou mais raramente em duas côres. A aplicação modelada é grosseira, simples, estilizada e sem grande amplitude de emprêgo. Motivos simples e execução inexata, com paralelismo irregular, espaçamento desigual e outras indicações de falta geral de perícia profissional. A decoração cobre apenas, tipicamente, uma parte da superfície, usualmente a borda, o gargalo ou a parte superior do bojo.

6. Além ou em lugar de estilos re-

conhecíveis de decoração, há muitas vezes uma parcela considerável de decoração fortuita, grosseira e não padronizada, que deve ser fruto da improvisação.

Êsses critérios coincidem muito de perto com a descrição que faz WILLEY da "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Simples" (1949, p. 155), e por isso mantivemos o termo "Simples" para designar o complexo. Contudo, ampliou-se a definição a fim de nela incluir a cerâmica que WILLEY separa na categoria de "Cerâmica Rudimentar Sem Decoração" (1949, pp. 153-4). Fizêmo-lo porque achamos que a cerâmica "Rudimentar" difere da "Simples" mais em grau do que em espécie. Define-a WILLEY como mais rudimentar e menos freqüentemente decorada do que a "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Simples"; mas esta distinção não se enquadra nos termos de critérios generalizados que estabelecemos para distinguir os níveis cerâmicos. Vem em apôio da nossa decisão o fato de que certas tribos, reconhecidas como pertencentes ao tipo de cultura de Floresta Tropical, fabricam uma cerâmica que é rudimentar e sem decoração. À vista da dificuldade de chegar a uma definição bem delimitada, que possa separar a "Cerâmica Rudimentar Sem Decoração", da "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Simples", e da falta aparente de conseqüências de ordem sócio-política, econômica ou cultural outra, decidimos abandonar a distinção de WILLEY.

CERÂMICA REGULADA

DEFINIÇÃO CERÂMICA DA CULTURA
CIRCUNCARÍBIA E SUB-ANDINA

A cerâmica de certas culturas na Venezuela, Colômbia, partes das Antilhas e algumas regiões da América Central representa uma tecnologia cerâmica mais

adiantada do que a que está associada com o tipo de cultura da Floresta Tropical. Os aspectos diagnósticos são os seguintes:

1. Formas variadas de vasos, não raro complexas e geralmente simétricas. Desenvolvimento de formas para uso não-doméstico. São comuns os bicos, os pés em tripé e as altas bases anulares. Abundantes as formas sem destino de recipiente, como tamboretas, estatuetas, instrumentos musicais, sinetes, assobios, etc.

2. Bordas com contôrno um tanto variável, mas cuja maioria tende a desviar-se apenas muito pouco das normas padronizadas. O bocal pode ser ovóide ou retangulóide, embora a maior parte seja circular.

3. As superfícies dos vasos são freqüentemente muito lisas, às vêzes até polidas, especialmente nos espécimes decorados; não raro se emprega camada de revestimento.

4. Decoração mais freqüente do que na cerâmica Simples, embora a falta de uma contagem completa dos cacos torne impossível avaliar a percentagem existente de tal ocorrência.

5. Decoração por incisão, excisão, pintura (positiva ou negativa) ou modelagem, com uma execução superior, a todos os respeitos, à da cerâmica Simples. Motivos muitas vêzes elaborados e caprichosos, atestando habilidade técnica e perícia profissional.

6. Os motivos decorativos representam estilos bem desenvolvidos e padronizados e tendem a se concentrar numa ou mais de uma técnica, como a incisão e o adôrno modelado. Pouca ou nenhuma improvisação, a qual se reflete na freqüência da decoração não-padronizada na cerâmica Simples.

Esta lista de traços distintivos é seme-

lhante à usada por WILLEY (1949, p. 157) para definir a sua "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Regulada". Concordamos plenamente com a conclusão de WILLEY, quando diz que "a cerâmica já não é mais um simples instrumento de preparação de alimentos, mas trás em si agora novos usos e está relacionada com significações religiosas e sociais. Ao mesmo tempo, é também evidente que a fabricação de cerâmica se estava tornando um ofício especializado, praticado por um número de pessoas proporcionalmente pequeno, mas de maior habilidade, dentro da comunidade ou aldeia" (WILLEY, 1949, p. 157). O desenvolvimento do fabrico de cerâmica por especialistas está indicado na melhoria de qualidade da pasta e da decoração. Estas, bem como a maior padronização das formas, são indícios de que há oportunidade para a prática, a experimentação e o desenvolvimento sistemático do conhecimento e da perícia; ora, tal oportunidade só aparece quando o oleiro ficou libertado de outras tarefas de rotina a fim de dedicar grande parte de seu tempo ao fabrico da cerâmica. Como, por outro lado, os vasos mais elaborados e certos tipos de formas que não são recipientes como as estatuetas, são feitas para uso cerimonial, as características cerâmicas também fornecem meios de se apreciar o desenvolvimento religioso da cultura. A presença de vasos intrincados em algumas sepulturas e de vasos simples ou sem decoração em outras pressupõe diferenças no *status* social dos mortos e portanto certo grau de estratificação social. Assim, a identificação de um complexo cerâmico, como "Regulado", já dá uma base para se inferir que o desenvolvimento sócio-político e religioso, a êle correspondente, era superior ao que se associa com a cultura de Floresta Tropical e comparável ao que caracteriza a área cultural Circuncaríbia.

CERÂMICA ADIANTADA

DEFINIÇÃO CERÂMICA DA CULTURA
ANDINA

O ápice da tecnologia da cerâmica sul-americana foi atingido pelas derradeiras culturas da área Andina. WILLEY (1949, p. 159) intitulou essa cerâmica como "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Adiantada" e descreveu-lhe os aspectos característicos aproximadamente como vamos fazer:

1. Formas de vasos diversificadas, mas padronizadas e simétricas. Elaboração muito grande associada a um uso não-doméstico. Às vezes emprêgo de moldes para facilitar a produção em massa de vasos completos ou de certas partes acessórias como os bicos.

2. Bordas de contorno padronizado e geralmente mais simples do que na cerâmica de nível "Regulado".

3. As superfícies dos vasos muito lisas e firmes, não raro polidas; emprêgo comum de camada de revestimento para base da decoração.

4. Decoração freqüente, mas restringida em sua grande parte às formas não-utilitárias, as quais, embora abundantes, representam ainda uma percentagem pequena da produção cerâmica total.

5. Decoração por pintura multicolor e modelagem realística, que às vezes se aproxima da escultura, sendo que essas técnicas se usam tanto separadamente como em combinação. Sinetes ou moldes empregados às vezes para a produção em massa da decoração em relêvo. Incisão, pintura e aplique reduzidos a importância secundária.

6. Padronização e produção em massa de cerâmica decorada, o que usualmente

se reflete na presença de vasos de aparência idêntica ou estritamente semelhante. Comum a representação de cenas ou personagens da vida real ou mítica. Pintura aplicada na superfície tôda de um lado ou de ambos os lados.

A grande diferença cultural que se infere da maior padronização e uniformidade da cerâmica Adiantada, é a produção em massa. Como anota WILLEY (1949, p. 159), já não se tratava meramente de um punhado de especialistas, dedicando provavelmente apenas parte do seu tempo a essa atividade, como é típico do nível "Regulado", mas de "uma classe especial de artesanato". A documentação histórica do Período Inca atesta de fato que grande parte da população era utilizada em tempo integral para o fabrico de muitas espécies de produtos, inclusive de cerâmica. Um conhecimento preciso das potencialidades e exigências do barro se reflete na pasta fina, pura e dura, bem como na hábil modelagem, de retratos e de figuras de animais e pássaros. O uso de moldes indica não só maior competência tecnológica, mas também uma grande procura de vasos de forma e decoração caprichosa para funções sociais. Assim, a análise quantitativa e qualitativa da cerâmica pode revelar a complexidade do sistema social. Essa análise sugere inferências não só a respeito do caráter da fabricação cerâmica como ocupação, mas também a respeito dos usos a que se destinam os objetos e das quantidades para isso requeridas. Sob este aspecto, a cerâmica Adiantada está tão distanciada da cerâmica Regulada quanto a cerâmica Regulada da cerâmica Simples.

IDENTIFICAÇÃO CULTURAL POR
CRITÉRIOS CERÂMICOS

É-nos freqüentemente claro e nítido decidir sobre a categoria que um dado complexo cerâmico representa. Há casos,

entretanto, em que a identificação é menos óbvia, porque os complexos cerâmicos incluem traços mistos. Em tais ocorrências deve-se fundamentar a apreciação na maioria dos traços. Por exemplo, se o complexo cerâmico corresponde aos critérios da categoria Simples, exceto pela presença ocasional de uma camada de revestimento, deve-se identificá-lo como pertencente ao tipo de cultura da Floresta Tropical. O revestimento, embora expressivamente associado a uma tecnologia cerâmica mais adiantada, não é desconhecido nas culturas de nível de Floresta Tropical. Da mesma sorte, a presença de todos os traços típicos da cerâmica Regulada, exceto o uso de uma camada de revestimento levar-nos-ia à identificação de uma cultura como tipo Circuncaríbia. A ausência de revestimento pode ser resultado de fatores locais. Demais a simetria do vaso, as formas complexas, as paredes finas, as bordas padronizadas e as superfícies bem acabadas não se tornam características senão depois que o fabrico cerâmico ficou sendo a ocupação de técnicos que a êle dedicam parte ou todo o seu tempo de atividade. A decoração caprichosa e bem executada também pressupõe não só perícia altamente desenvolvida mas ainda bastante tempo para trabalhar, o que só se verifica numa sociedade depois que a fabricação de cerâmica se tornou, pelo menos, uma especialização de atividade parcial.

Como o desenvolvimento cultural não passa de um nível a outro por degraus, mas seguindo um plano inclinado, há inevitavelmente muitas culturas em transição. Algumas, por exemplo, podem caracterizar-se por uma estrutura social e religiosa mais formalizada do que a que existe no nível da cultura de Floresta Tropical, com um começo de estratificação social e divisão de trabalho; continuam sempre, porém, "incipientes" em cotejo

com o nível típico Circuncaríbio. É bem possível que o desenvolvimento sócio-político e religioso, ou pelo menos um dêles, progrida além dêsse nível incipiente sem se acompanhar de uma divisão de trabalho no campo tecnológico capaz de refletir-se num progresso da qualidade da cerâmica. Entretanto, uma situação dessas deveria ser revelada mediante outras evidências arqueológicas, como as estruturas cerimoniais e o tratamento diferencial dos mortos. A cerâmica como prova do nível de desenvolvimento cultural deve sempre ser definitivamente apreciada em termos do quadro cultural total. Embora seja admissível que uma cultura com sistema social mais adiantado possa ainda conservar uma tecnologia indiferenciada, não há testemunho arqueológico ou etnológico capaz de sugerir que o inverso é também verdade e que se possa chegar a um desenvolvimento cerâmico de nível consistentemente alto sem peritos especializados em sua produção. Se só uma pequena percentagem da cerâmica total é de boa qualidade, pode-se explicar tal circunstância como consequência de uma diferença natural de habilidade e aptidão entre os oleiros. Se, entretanto, toda a cerâmica é caracteristicamente bem feita e padronizada e a decoração é tipicamente bem planejada e executada com competência, não é lícito concluir que todo o povo "já nasceu perito". Onde se pode observar êsse tipo de transformação, quer no plano individual, quer no cultural, trata-se do resultado de um conhecimento profissional e de uma habilidade adquirida por especialização ocupacional.

Embora as grandes falhas inevitáveis da documentação arqueológica, particularmente nas terras baixas da América do Sul, possam levar à interpretação errônea do nível de desenvolvimento de uma cultura arqueológica, tem de se correr êsse

risco se se quer chegar a uma compreensão ampla do desenvolvimento cultural. Como nossos resultados só podem ser expressos em termos gerais, não é provável que um erro ocasional prejudique irremediavelmente a validade da reconstrução ampla de ordem continental. A grande dificuldade está em distinguir entre o tipo de cultura de Floresta Tropical, de um lado, e, de outro, o de Circuncaríbia ou Sub-Andina, porque as jazidas de uma e outra espécie muitas vezes só fornecem evidência cerâmica. Para a diferenciação sugerimos a seguinte regra geral:

Se a cerâmica é Simples e não existe prova de diferenciação social ou desenvolvimento cerimonial, a cultura pode ser classificada como de Floresta Tropical. Se a cerâmica é Simples mas o tratamento diferencial dos mortos ou estruturas sociais bem definidas a ela se associam, a cultura já pode ser classificada como Circuncaríbia ou Sub-Andina quanto ao nível de desenvolvimento. Se a cerâmica é Regulada, a cultura deve-se considerar como Circuncaríbia ou Sub-Andina a despeito de ausência de evidência arqueológica corroborante de natureza sócio-política ou religiosa.

CORRELAÇÃO ENTRE OS NÍVEIS DE CERÂMICA E AS ÁREAS CULTURAIS

Uma vez que a classificação de áreas culturais de STEWARD para a América do Sul reconhece diferenças específicas na elaboração e complexidade da organização sócio-política e da tecnologia que parecem refletir-se nas características cerâmicas, será possível estabelecer uma correlação entre as áreas culturais e as áreas cerâmicas. Entretanto, como os múltiplos aspectos

de uma cultura não se desenvolvem com igual rapidez, a correspondência nunca será exata.

Como já se notou, as áreas cerâmicas de WILLEY (Fig. 2) não coincidem muito rigorosamente com as áreas culturais de STEWARD (Fig. 1). Mesmo combinando-se numa só a área "Rudimentar Sem Decoração" e a área "Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Simples" de WILLEY, a situação não melhora muito. A área da Floresta Tropical, por exemplo, é uma colcha de retalhos de regiões que apresentam cerâmica "Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Simples" e regiões com cerâmica "Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Regulada". São duas, ao que parece, as grandes causas para esta falta de conformidade. Uma é a natureza superficial do atual conhecimento da situação arqueológica em muitas partes da América do Sul, especialmente nas terras baixas. WILLEY inclui os principais tributários do Amazonas na região de cerâmica "Regulada", partindo aparentemente, em muitos casos, do pressuposto de que se trata de linhas de comunicação entre localidades onde está documentada a cerâmica "Regulada". Grandes áreas do leste do Brasil foram apreciadas na base de prova escassa e incompleta; como observa o próprio WILLEY, a cerâmica ali é a menos desenvolvida entre as que ele considerou como "Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Regulada". Parece que ele colocou a cerâmica do leste do Brasil nesta classe por causa da presença de uma decoração pintada de vermelho ou preto sobre uma camada de revestimento branco. De acordo com a nossa regra de apreciação dos complexos cerâmicos, devemos, porém, basear a classificação na maioria dos critérios cerâmicos. Deste ponto de vista, a presença de uma camada de revestimento branco, embora incomum na cerâmica Simples, não é suficientemente

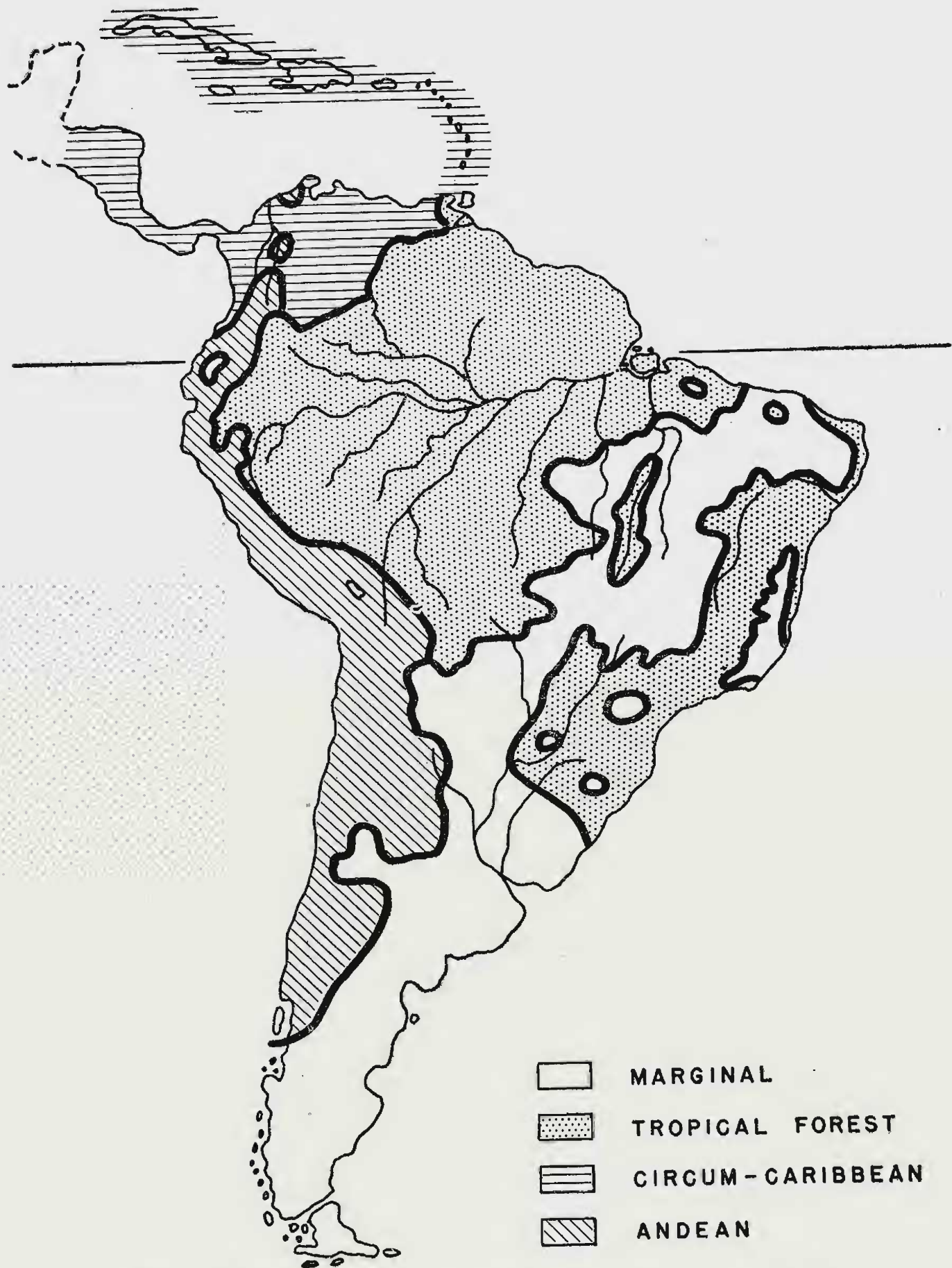


Figura 1. As áreas culturais sul-americanas, tais como as delineou Steward (1946-50, Mapa 1).

crítica para eliminar a identificação da cerâmica como tal. Os outros traços cerâmicos parecem concordar melhor com as características da cerâmica Simples do que a Regulada, e com êste fundamento aconselharíamos uma revisão da identificação feita por WILLEY, e classificaríamos como Simples a cerâmica do leste do Brasil.

A segunda razão de não se adaptarem rigorosamente as áreas cerâmicas de WILLEY e as áreas culturais de STEWARD está na circunstância de WILLEY ter tentado eliminar o tempo na sua apreciação das cerâmicas sul-americanas. Ele classificou cada região em termos do nível máximo de desenvolvimento cerâmico que ela parecia mostrar, sem cogitar de saber se êsse nível era histórico num lugar e antigo em outro. Grande parte da classificação da bacia amazônica como de "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Regulada", decorre daí. São exemplos disso a cerâmica Marajoara da ilha de Marajó e o complexo de Santarém em tôrno da foz do Rio Tapajós. Aquela foi substituída por uma cultura de cerâmica Simples antes da ocupação européia; dêste não é conhecida a posição estratigráfica, mas é muito provável que se trate de intrusão numa área tipicamente de cerâmica Simples. Análogamente, o curso médio e baixo do rio Madeira, apesar de ocupado etnograficamente por grupos sem cerâmica ou de cerâmica "Rudimentar Sem Decoração", está classificado na categoria da "Cerâmica Plástica ou Pintada (ou Plástica e Pintada) Regulada", partindo-se da possibilidade de se poder revelar, pela situação arqueológica que existiu ali outrora, êsse complexo cerâmico. Uma análise intemporal desta sorte não pode proporcionar resultado igual a uma delineação de área cultural focalizando um determinado período de tempo.

A fim de pôr à prova a correlação das áreas cerâmicas com as áreas culturais, a avaliação cerâmica tem de referir-se a um período de tempo relativamente pequeno e êste tem de ser aproximadamente o mesmo período que foi considerado na fixação dos limites da área cultural. O problema de discernir o quadro cerâmico nos dois séculos imediatamente anteriores ao contacto europeu (1300-1500) defronta as mesmas dificuldades de informação pobre, que vimos prejudicar qualquer análise minuciosa da pré-história sul-americana. Levando em conta a situação etnográfica ainda sem aculturação, onde pode ser reconhecida, e a situação arqueológica da parte final da fase anterior ao contato, onde igualmente pode ser conhecida, chegamos a uma distribuição preliminar das áreas cerâmicas (Fig. 3). Comparando-se isto com as áreas culturais de STEWARD (Fig. 1), nota-se uma correlação geral, mas também a existência de várias diferenças locais. A área Andina de STEWARD, por exemplo, divide-se numa cerâmica Adiantada nos Andes Centrais e numa cerâmica Regulada para o norte e para o sul. Neste caso, a identificação cerâmica reflete a própria subdivisão de STEWARD em referência ao oeste da América do Sul em cultura Andina e Sub-Andina, o que separa o desenvolvimento mais alto da cultura Andina, das regiões que foram influenciadas por êste centro, mas jamais o igualaram em complexidade. No mapa, (Fig. 1) o aspecto *áreas* da classificação de STEWARD toma procedência sobre o aspecto evolutivo, e a conseqüência é que aparece a distribuição geral, mais do que a distribuição do mais alto desenvolvimento sócio-político e religioso na área Andina. Daí resulta que a diferença entre o mapa da área cultural e o da área cerâmica não representa uma contradição real na interpretação.

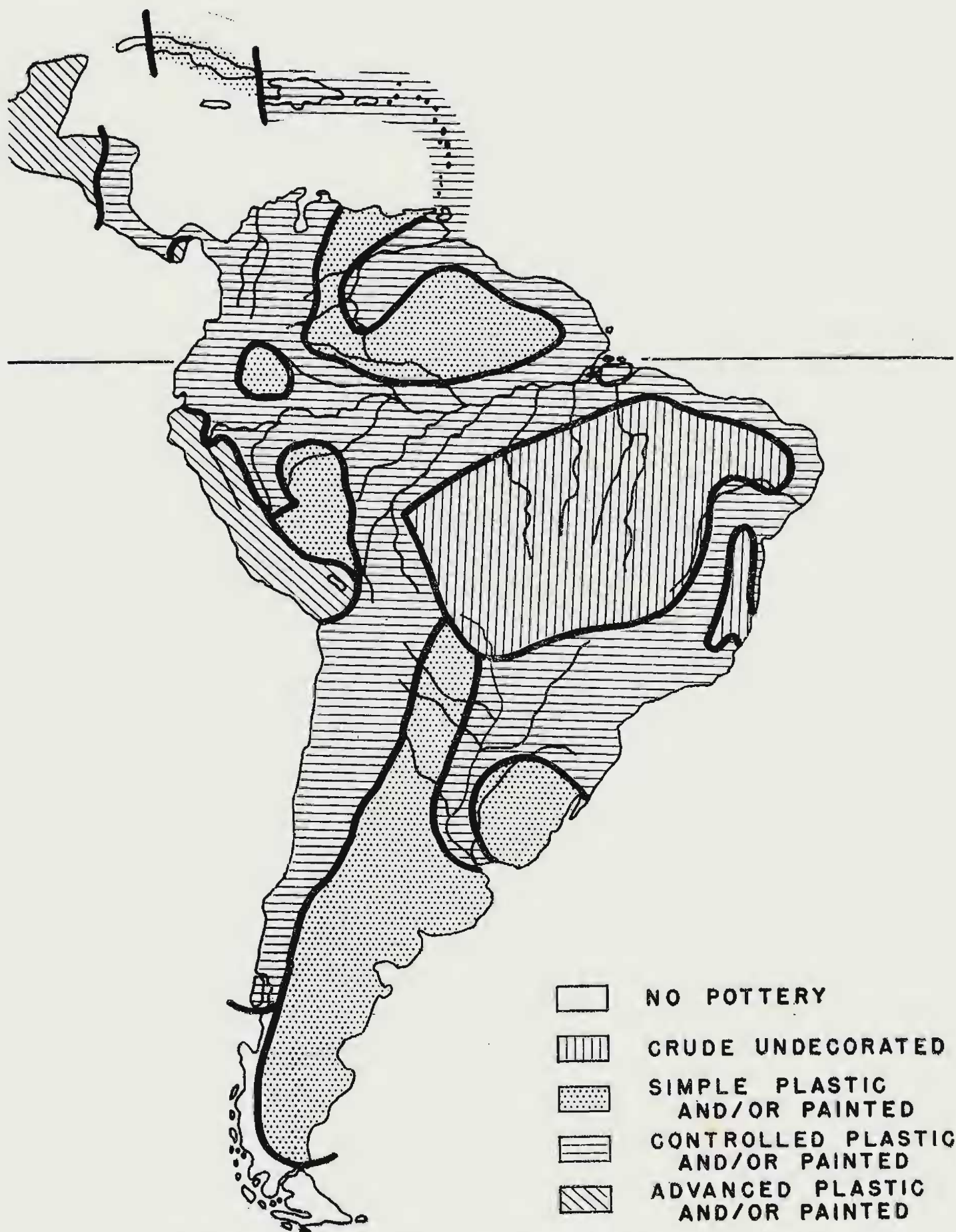


Figura 2. A distribuição, segundo Willey, dos níveis de complexidade cerâmica na América do Sul (Willey, 1949, p. 152).

Se nos voltarmos para a Área Marginal, veremos que apenas são não-cerâmicas as partes terminais da faixa alongada e irregular do mapa de STEWARD (Fig. 3). Ocupam a região intermediária grupos sem agricultura, que produzem cerâmica Simples. Neste caso, a falta de correlação entre os limites na área cultural e na área cerâmica decorre da circunstância de que a fabricação cerâmica e a agricultura não se acham numa associação bastante estreita para uma não poder difundir-se sem a outra. A presença de fabricação cerâmica em certas culturas Marginais mostra que uma economia produtiva de caça é capaz de manter alguns aspectos duma cultura material que usualmente se encontram junto a uma agricultura de derrubada e queimada.

A terceira grande desconformidade é a intrusão da Cerâmica Simples na parte leste da área Circuncaríbia. A cultura Circuncaríbia se associa em regra com a Cerâmica Regulada; mas já se ressaltou antes neste estudo que pode existir um desenvolvimento sócio-político e religioso mais complexo do que o da cultura de Floresta Tropical, sem afetar a manufatura e o uso da cerâmica. É possível que dados arqueológicos melhores venham ainda revelar que a cerâmica Regulada foi praticada nas Pequenas Antilhas na última parte do período pré-histórico. Se isso não acontecer, a identificação da cultura como Circuncaríbia dependerá da presença de outra evidência arqueológica.

A correspondência geral entre as áreas cerâmicas e as áreas culturais na América do Sul aumenta a nossa confiança no uso da cerâmica como índice da espécie geral de complexo cultural representado por uma cultura extinta. Como as identificações das áreas culturais se fazem na base de toda a cultura, seria impossível chegar exatamente aos mesmos limites usando apenas um único traço. O fato de apesar

de tudo ser boa a correspondência corrobora o postulado teórico de que a tecnologia cerâmica reflete a complexidade geral dos aspectos sócio-políticos e religiosos da cultura a que pertence. Lembrando-nos sempre de que essa correlação é flexível, e que a complexidade cerâmica pode sofrer um retardamento em referência ao desenvolvimento geral da cultura ou preceder à aquisição da agricultura, os níveis cerâmicos parecem poder-nos fornecer um útil instrumento de trabalho.

ÁREAS CULTURAIS E TIPOS DE CULTURA

Até aqui, só fizemos uma alusão passageira ao duplo aspecto da classificação quadripartida de STEWARD, para a América do Sul, em tribos Marginais, de Floresta Tropical, Circuncaríbias e Andinas. Entretanto, a grande significação da classificação de STEWARD é que não somente se aplica à distribuição das culturas em áreas na época da conquista, mas também reflete os níveis consecutivos de desenvolvimento cultural na América do Sul. Visto que os critérios de distinção levam em conta diferenças em morfologia tanto quanto em elementos específicos, os complexos de áreas culturais também podem ser encarados como fases ou níveis de desenvolvimento cultural. Permitem a reconstrução da pré-história sul-americana como começando no nível Marginal com caçadores e coletores de alimentos selvagens, freqüentemente de vida nômade, dentro dos padrões tecnológicos e sociais mais rudimentares; em seguida progredindo para o nível de Floresta Tropical, caracterizado por uma agricultura semipermanente, aldeias semifixas, tecnologias básicas (exceto metalurgia) e uma organização social fundamentada no parentesco; continuando para o nível Circuncaríbio com aldeias mais permanentes, tecnologia mais apurada em correlação com

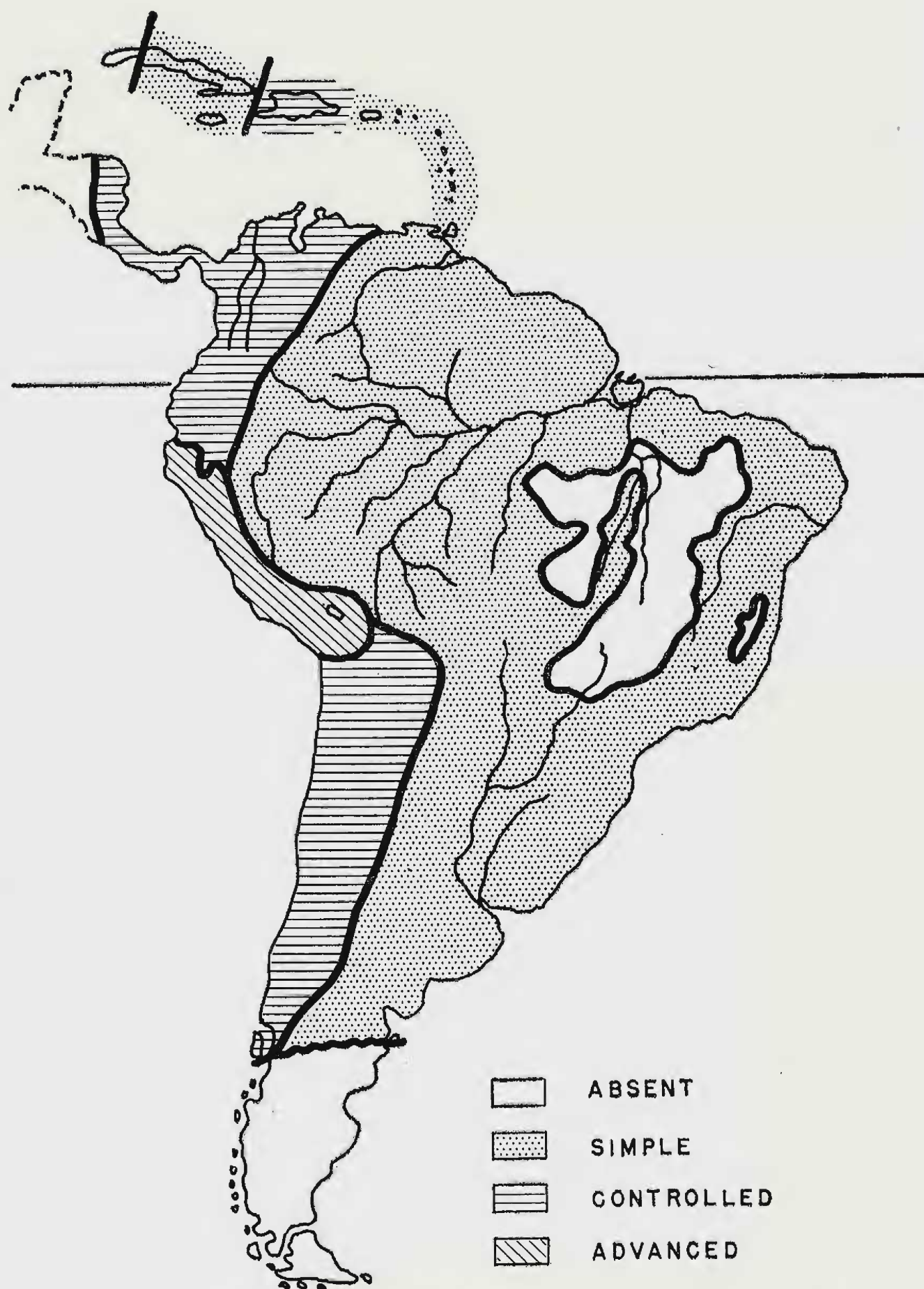


Figura 3. A distribuição aproximada, de acôrdo com a nossa revisão, dos níveis de complexidade cerâmica na última parte do período de pré-contacto (mais ou menos 1300-1500 d.C.).

uma especialização ocupacional, e o aparecimento da instituição da chefia e de uma religião formalizada; e, finalmente culminando no nível Andino, com a sua alta execução tecnológica, grandes obras públicas, sociedade estruturada em classes, religião oficial, vasta maquinaria governamental e monarquia divina. Que se trata de graus reais na escala do desenvolvimento cultural do continente sul-americano, demonstra a evidência arqueológica de uma progressão geral das culturas simples para as adiantadas na Área Andina (KROEBER, 1948, Quadro 5; BENNET e BIRD, 1949).

Lidando-se com restos arqueológicos, é importante fazer a distinção entre o aspecto evolutivo e o aspecto espacial da classificação de STEWARD. Os traços específicos que caracterizam as áreas culturais são limitados em distribuição e não ocorrem necessariamente ao longo de um grande período de tempo; ao contrário, os critérios gerais de desenvolvimento tecnológico, organização sócio-política e elaboração religiosa, que identificam cada nível de desenvolvimento, são aplicáveis a qualquer lugar ou época. Assim, uma cultura antiga, como a Chavin, no Peru, pertence ao nível Circuncaríbio de desenvolvimento, porque se caracteriza pela estratificação social, restos cerimoniais, desenvolvimento tecnológico inclusive a metalurgia e a cerâmica Regulada. Faltam-lhe, não obstante, as formas específicas desses traços que distinguem a área cultural Circuncaríbia. As estruturas cerimoniais, as formas e decorações dos vasos, os objetos de metal e o modo de ornamentação se acham entre os traços que diferem na aparência, embora pressupondo um nível semelhante de desenvolvimento cultural. Outro caso de complexos culturais que diferem em detalhes, mas pertencem ao mesmo tipo geral ou nível de desenvolvimento cultural, é o que fornecem as

áreas Circuncaríbia e Sub-Andina de STEWARD. Diferenciam-se elas pela presença ou ausência de certos traços de origem Andina, que se adaptam melhor a terras altas do que a um ambiente de terras baixas, mas se equivalem quanto ao nível de desenvolvimento cultural (STEWART, 1948, p. 6-14). A circunstância de referir-se a classificação de STEWARD tanto ao aspecto *área*, quanto ao aspecto evolutivo da cultura, aumenta o seu valor como instrumento arqueológico. De início, pode-se identificar o tipo de uma cultura apelando-se para o nível cerâmico e qualquer outra informação de que se disponha. Uma vez estabelecido esse nível de desenvolvimento, pode-se compará-la com complexos específicos de áreas. Se se adapta a um deles, é provavelmente de data recente. Se, ao contrário, não fica dentro dos limites geográficos da cultura em que parece filiar-se, há forte razão de tratar-se de uma ramificação, talvez conseqüente de um movimento migratório, ou de uma forte influência exercida de qualquer outra maneira. Essas normas dão boas orientações para a interpretação dos dados arqueológicos.

Um exemplo específico da importância de distinguir o aspecto *área* da classificação de STEWARD e o seu aspecto evolutivo tornará mais claro este ponto. ROUSE (1953) aplicou as definições de área cultural de STEWARD a jazidas arqueológicas na área Circuncaríbia como um teste da teoria de STEWARD de que a cultura de Floresta Tropical provém da deculturação ou simplificação de um nível mais adiantado de desenvolvimento. Como a cultura Circuncaríbia e a de Floresta Tropical são ambas caracterizadas por uma manufatura cerâmica, ROUSE selecionou a presença ou ausência de cerimonialismo como a sua base principal de distinção: "Se um dado estilo de cerâmica se acompanha de uma extensão apreciável de es-

CERAMIC LEVEL	CULTURE TYPE STEWARD	DEVELOPMENTAL SEQUENCES		
		STEWARD	WILLEY-PHILLIPS	S.A.A.SEMINAR
ADVANCED	ANDEAN	CYCLICAL CONQUESTS	POST CLASSIC	SUPRA-NUCLEAR INTEGRATED
		FLORESCENT	CLASSIC	ADVANCED NUCLEAR CENTERED
CONTROLLED	CIRCUM-CARIBBEAN AND SUB-ANDEAN	FORMATIVE	FORMATIVE	SIMPLE NUCLEAR CENTERED
SIMPLE	TROPICAL FOREST	INCIPIENT AGRICULTURE	ARCHAIC	CENTRAL-BASED WANDERING
ABSENT	MARGINAL			FREE WANDERING

Figura 4. Correlação aproximada entre os níveis de complexidade cerâmica e as fases, na base de quatro seqüências, do desenvolvimento cultural total. Subdividiu-se cada coluna de acordo com a presença ou ausência de diferentes traços específicos, fazendo-se uma correspondência um tanto arbitrária dos níveis relativamente comparáveis. As zonas pontilhadas indicam a posição que ocupariam as linhas horizontais se a correlação entre as seqüências fôsse perfeita.

truturas e petrechos cerimoniais, identificamo-la com a cultura Circuncaríbia; em caso contrário, atribuímos-lhe associações com a cultura de Floresta Tropical” (1953, p. 194). A aplicação desse critério às seqüências arqueológicas da área Circuncaríbia demonstra uma marcha progressiva da cultura Marginal para a de Floresta Tropical e daí para a Circuncaríbia, de preferência a uma degeneração, que seria necessária para provar a hipótese de STEWARD.

A maior parte das identificações de ROUSE seriam confirmadas com a orientação que este nosso artigo sugere, visto que a presença de traços cerimoniais tomaria a precedência sobre a identificação cerâmica desde que a cerâmica fôsse Simples e não Regulada. Há, não obstante, uma cultura que ROUSE identificou como sendo de Floresta Tropical por falta de provas de cerimonialismo, mas cuja análise cerâmica indica ser acima do nível de desenvolvimento da cultura de Floresta Tropical. É o complexo Barrancas na foz do Orinoco. A cerâmica Barrancas se caracteriza por um estilo altamente desenvolvido de modelagem e por desenhos incisos bem executados. Diz-se que ocorre decoração em 29% dos cacos (OSGOOD E HOWARD, 1943, p. 105). As superfícies dos vasos são muito lisas e não raro polidas em toda a volta ou em certas zonas. Às vezes foi empregada uma camada vermelha de revestimento. Um exame das formas de bordas distinguidas por OSGOOD E HOWARD (1943, pp. 102-3) dá a entender que a padronização é maior do que na cerâmica de Floresta Tropical, embora os autores se queixem de haver muita diversidade. Todos esses traços são típicos do nível Regulado de tecnologia cerâmica e são do nível Simples, e sugerem certo grau de especialização ocupacional na fabricação cerâmica. A ausência de vestígios cerimoniais levou ROUSE a concluir que Bar-

rancas não é Circuncaríbia em área de afiliação e deve ser, conseqüentemente, cultura de Floresta Tropical. Quando se faz a distinção entre o aspecto evolutivo e o aspecto área cultural, dessas categorias, já não se tem neste raciocínio a única solução. Com efeito, as características da cerâmica Barrancas eliminam a possibilidade de tratar-se de um tipo de cultura de Floresta Tropical e identificam-na como Circuncaríbia em fase de desenvolvimento. A ausência do diagnóstico de área, que é o cerimonialismo, tem duas explicações alternativas: 1) A cultura Barrancas é anterior às culturas típicas da área Circuncaríbia; 2) A cultura Barrancas é contemporânea dessas culturas e nelas intrusiva, proveniente de uma região onde o desenvolvimento cultural era igualmente adiantado mas carecia da ênfase cerimonial de forma Circuncaríbia. Se se rejeitam ambas essas possibilidades, a ausência de cerimonialismo fica para ser explicada, e as conclusões, que se obtiverem, poderão lançar luz nas questões de difusão cultural e de relação entre ambiente e cultura. Relegar, por outro lado, a cultura Barrancas para a categoria de Floresta Tropical torna a definição de cultura de Floresta Tropical tão lata, que ela perde seu valor descritivo e interpretativo. Assim a distinção entre o aspecto área cultural e o evolutivo da classificação de STEWARD pode ser útil para dar uma orientação, que de outro modo não se teria, sobre a origem, a antiguidade e a interpretação de certas culturas arqueológicas.

IDENTIFICAÇÃO CERÂMICA DE TIPOS DE CULTURA

Em parte como conseqüência da confusão proveniente de serem as áreas culturais e os níveis de desenvolvimento cultural na América do Sul referidos pela mesma série de termos e também por ser

frequentemente possível depreender mais de quatro fases de desenvolvimento, têm sido feitas várias outras tentativas para formular seqüências generalizadas de desenvolvimento cultural. Nenhuma delas usa a cerâmica como critério principal para distinguir os diversos níveis de complexidade cultural. Como se julga a exatidão de um quadro de desenvolvimento na base de uma prova arqueológica e como os níveis de desenvolvimento cerâmico fornecem, ao que tudo indica, uma amostra geral da complexidade cultural, é interessante ver até que ponto se pode utilizar os níveis cerâmicos para identificar fases culturais em três dos quadros de desenvolvimento ultimamente propostos.

STEWART (1955) delineou uma seqüência de fases para descrever o desenvolvimento cultural em centros áridos ou semi-áridos de civilizações antigas. O seu mais recente aperfeiçoamento dêsse quadro apresenta 5 subdivisões ou fases, e, definindo-as, acentua STEWARD que “os traços diagnósticos aparecem no fim de cada época, e não no comêço dela” (1955, p. 188). Os critérios essenciais de cada fase são os seguintes:

1. Pré-Agricultural: ausência de agricultura.

2. De Agricultura Incipiente: começa com um cultivo de plantas destinadas a mero suplemento dos alimentos selvagens, e acaba quando a domesticação já é bastante desenvolvida para assegurar a existência de comunidades permanentes.

3. Formativa: agricultura intensa; aparecimento das principais tecnologias (cestaria, cerâmica, fiação, metalurgia e construção).

4. De Desenvolvimento Regional e Florescência: aparecimento e florescência de culturas regionais distintivas; aparecimento de estados com comunidades múltiplas;

pleno estabelecimento de classes sociais.

5. Conquistas Cíclicas: aparecimento do militarismo em grande escala; impérios e grandes centros urbanos; estratificação social tendendo para a hereditariedade; forte impulso para a produção em massa e padronização das manufaturas.

Essas definições (resumo dos longos debates que a elas se referem, ver STEWARD, 1955, pp. 188-198) consistem quase exclusivamente de aspectos não-tecnológicos. STEWARD justifica essa posição sobre o fundamento de que a tecnologia pode difundir-se sem alterar a configuração básica da cultura, que é o que primordialmente o preocupa. Não é de crer, entretanto, que o tipo de progresso tecnológico, pressuposto nos níveis sucessivos de complexidade cerâmica, possam difundir-se sem um progresso correspondente na organização sócio-política.

Procurando-se correlacionar as fases de desenvolvimento que STEWARD define, com os níveis cerâmicos (Fig. 4), verifica-se que a coincidência não é estrita. Isto decorre em grande parte da circunstância de STEWARD definir as suas fases pelos aspectos do fim da fase e não pelos do comêço. A fase Formativa, por exemplo, inicia-se quando a agricultura já é capaz de garantir a subsistência de comunidades permanentes e termina quando estão bem desenvolvidas as tecnologias básicas. Durante êste ciclo, a cerâmica progride de Simples para Regulada, a arquitetura vai das cabanas perecíveis para tesos artificiais ou estruturas de pedra ou adobe etc. Definição de tal sorte fluida significa que uma jazida com cerâmica Simples pode considerar-se como da fase de Agricultura Incipiente ou da fase Formativa, e uma jazida com cerâmica Regulada pode enquadrar-se na fase Formativa ou na fase Florescente, tudo dependendo dos outros

testemunhos arqueológicos de que se dispõe. É provável que um exame de toda a evidência disponível permitiria apreciar a posição de muitas jazidas no quadro de STEWARD. O acréscimo de mais uma fase, entre a de Agricultura Incipiente e a Formativa, tornaria possível definir com mais precisão ambas essas categorias, e permitiria levar em conta o tipo de cultura de Floresta Tropical como uma fase normal do desenvolvimento. Nas circunstâncias atuais, STEWARD foi forçado a considerar a cultura de Floresta Tropical uma versão degenerada ou retardada da fase Formativa, o que é uma apreciação bem pouco satisfatória.

WILLEY e PHILLIPS (1955) tentaram ampliar a seqüência de STEWARD de sorte a torná-la aplicável a todas as culturas arqueológicas do Novo Mundo, em vez de deixá-la circunscrita apenas a região de alto desenvolvimento cultural. As características essenciais das suas seis fases de "desenvolvimento histórico" são as seguintes:

1. Lítica Antiga: a fase da tecnologia da pedra bruta (só modelada pelo próprio uso) e lascada, anterior à prática do desbaste e do polimento.

2. Arcaica: instrumentos de pedra de uma complexidade que inclui o desbaste e o polimento; a cerâmica pode estar presente ou estar ausente.

3. Preformativa: presença da agricultura mas sem ser a fonte primária e predominante da alimentação; comunidade instalada num padrão mais sedentário.

4. Formativa: agricultura de milho ou mandioca como "tema central" de toda a cultura; vida sedentária de aldeia; arquitetura cerimonial especializada; fabrico de cerâmica, fiação e escultura em pedra.

5. Clássica: execução excelente em muitas linhas de empreendimento; apogeu religioso; florescimento geral; fortes distinções de classes.

6. Posclássica: urbanismo, secularismo, militarismo, ou tendência nessas direções.

Tal formulação difere da de STEWARD principalmente por apresentar três fases, e não duas, anteriores à fase Formativa. O quadro de WILLEY e PHILLIPS se correlacionaria melhor com os nossos níveis de complexidade cerâmica, se não fôsse a circunstância de dar mais ênfase à presença ou ausência de agricultura. Embora a definição ampla das fases de WILLEY e PHILLIPS coincidam satisfatoriamente com o contexto pressuposto nos nossos níveis sucessivos de desenvolvimento cerâmico (Fig. 4), não concordam com a nossa identificação cerâmica muitas das culturas trazidas à baila pelos autores. Por exemplo, a cultura pré-cerâmica muito simples de Huaca Prieta, na costa norte do Peru, e a cultura muito mais adiantada, com fabrico de cerâmica, elevação de tesos artificiais e estratificação de classes de Adena-Hopewell, no vale do Mississipi, são conjuntamente classificadas como Preformativas por não haver uma evidência *direta* de ter sido em uma ou outra a agricultura o "tema central". Se a agricultura não fôsse o critério decisivo, Huaca Prieta seria provavelmente colocada na fase Arcaica ou na Preformativa, enquanto Adena-Hopewell ficaria na fase Formativa. Do ponto de vista da cerâmica, há uma enorme diferença em nível de desenvolvimento: Huaca Prieta não tem cerâmica e Adena-Hopewell tem uma cerâmica Regulada.

Tal conflito faz ressaltar o fato de que não se pode esperar que dêem resultados idênticos duas classificações, quando cada uma delas se baseia num único traço crí-

tico. Na sua forma incipiente, a agricultura raramente — ou talvez nunca — determina uma alteração importante na tecnologia e na organização sócio-política ou religiosa da cultura, de maneira a isolar essa cultura daquelas que não praticam agricultura. Demais a agricultura e o fabrico da cerâmica não são sempre adquiridos simultaneamente, de sorte que a definição da fase inicial em termos de agricultura não abrangerá as mesmas culturas que nela se enquadrariam se ela fôsse definida em termos de cerâmica.

A terceira formulação das fases de desenvolvimento que nos propusemos debater, oferece uma base de diferenciação diversa das duas de que acabamos de tratar. Os critérios primários passam a orientar a distribuição das colônias pelo território e a eficiência dos meios de subsistência, atentando-se em que as formas variadas de um e de outra em regra se associam com níveis especiais de desenvolvimento tecnológico e sócio-político. Há sete tipos de padrão de comunidade, que são assim definidos (BEARDSLEY et al., 1956, pp. 135-146):

1. Nomadismo Franco: pequenos grupos vagando continuamente sem restrição de âmbito territorial.

2. Nomadismo Restrito: pequenos grupos vagando dentro de territórios especificamente determinados, que defendem contra qualquer intrusão.

3. Nomadismo com Base num Centro: pequenos grupos que se deslocam em dada estação, ou periodicamente durante parte do ano, mantendo-se sedentários durante o resto do ano.

4. Sedentarismo Semipermanente: comunidades vivendo em aldeias que são transferidas periodicamente, em regra pela exaustão dos recursos agrícolas locais.

5. Centrismo Nuclear Simples: comunidades que têm uma localização permanente ou um centro permanente (muitas vezes cerimonial) em que se desenvolve uma vida plenamente sedentária.

6. Centrismo Nuclear Adiantado: comunidades com um centro administrativo, ou "capital", complexo e permanente, que organiza e integra as atividades da comunidade.

7. Integração Supra-Nuclear: comunidades de administração centralizada, compostas de centros nucleares múltiplos, em regra incorporados por conquista.

A presença de categorias nesta seqüência em número quase duplo dos níveis de desenvolvimento cerâmico significa que nem tôdas podem diferenciar-se por critérios cerâmicos apenas. As três primeiras categorias são inteiramente, ou em sua maior parte, não-cerâmicas, e as duas últimas se associam predominantemente com o nível de cerâmica Adiantada. O Centrismo Nuclear Simples corresponde exatamente à fase de cerâmica Regulada, embora possa em seu início reter cerâmica do tipo Simples. Encontra-se a cerâmica Simples nos grupos de Sedentarismo Semipermanente e de Nomadismo com Base num Centro. Este envolvimento das duas categorias num só tipo cerâmico indica, mais uma vez, que a cerâmica pode estar presente com falta de agricultura, ou ao lado da agricultura quando esta ainda não está suficientemente desenvolvida para afetar a maneira geral de viver.

A nossa rápida comparação entre os níveis culturais e os que se derivam de quadros evolutivos, estabelecidos por outras espécies de testemunho cultural, mostra uma correspondência geral nas categorias quando tomadas isoladamente. Resultam as discordâncias do fato de os critérios primários — cerâmica, agricultura,

maneira de instalação no terreno, traços sócio-políticos — não apresentarem um entrelaçamento de tal modo estrito que o desenvolvimento tenha de ser sempre uniforme. Há, entretanto, uma interrelação funcional geral que quase nunca ou nunca admite um retardamento muito grande de certos desses aspectos em referência aos outros. É essa integração funcional que se reflete na coincidência das várias classificações (Fig. 4). A conclusão a tirar daí é que os melhores resultados são os obtidos com o emprêgo de toda a evidência disponível. Quando há um co-tejo entre uma seqüência e as outras, a interpretação torna-se mais fidedigna e mais ampla do que quando se opera com uma seqüência apenas.

CONCLUSÃO

O maior problema com que se defronta o arqueólogo de hoje é o de desenvolver métodos para extrair o máximo valor interpretativo de um mínimo de evidência. A cerâmica, sendo uma das formas mais universais por que se nos apresenta o testemunho arqueológico, tem sido utilizada latamente para identificar complexos culturais e determinar-lhes a seqüência cronológica. O conceito teórico de que todos os fenômenos culturais estão funcionalmente entrelaçados, leva-nos a concluir que se podem usar as diferenças de tecnologia cerâmica para se inferirem as características gerais da organização sócio-política e religiosa a ela associadas, e, portanto, para se obter uma base de apreciação do nível geral de complexidade atingido por uma cultura extinta. Pôs-se à prova essa conclusão especulativa com os seguintes resultados:

1. Pôde-se estabelecer três níveis distintos de desenvolvimento cerâmico, que foram denominados: Simples, Regulado e Adiantado.

2. Fêz-se um equacionamento desses níveis cerâmicos com as áreas de cultura de Floresta Tropical, Circuncaríbia e Andina e com os respectivos níveis de desenvolvimento cultural, na classificação de STEWARD.

3. Como a qualidade e a diversidade da cerâmica dependem da sua produção e do seu uso, foi possível usar o nível de desenvolvimento cerâmico como base para inferências sobre os aspectos sócio-políticos e religiosos da cultura.

4. A identificação do nível geral do desenvolvimento cultural fornece meios para se estabelecer a origem, as filiações e, em alguns casos, a antiguidade relativa de um complexo arqueológico.

5. Os critérios cerâmicos também nos auxiliam para classificar um complexo arqueológico de acôrdo com as várias seqüências de desenvolvimento imaginadas para generalizar e interpretar as mudanças culturais.

6. A prossecução de análises cerâmicas minuciosas em outros complexos arqueológicos permitiria dar mais rigor aos critérios usados para a distinção entre si das cerâmicas Simples, Regulada e Adiantada, tornando a identificação não só mais fácil mas ainda mais acurada.

Entregue para a publicação em 25 de janeiro de 1958.

SUMMARY

The idea that pottery development is an integral part of general cultural evolution and follows the same general trend of increasing complexity is not a new one. Neither is our attempt to distinguish successive stages or levels in this sequence original. We have drawn heavily on an earlier formulation by Willey (1949), even to the extent of using a modified version of the same descriptive names that he suggested. Our goal has been 1) to refine Willey's categories and

to make the criteria more specific so that pottery can be used to determine general level of cultural complexity, and 2) to examine the extent to which ceramic identifications agree with estimates of level of complexity based on other cultural criteria.

The refinement of Willey's pottery levels involved mainly the expansion of the definition of Simple pottery to include both "Simple Plastic and, or Painted Pottery" and what Willey had set apart under the label "Grude Undecorated Pottery", and the standardization of the diagnostic criteria under 6 comparable points. Identification of any archeological complex is based on the presence of all or a majority of the pottery features diagnostic of any one level of pottery development. Because cultural development does not advance along a uniform front, but may speed ahead in one aspect and lag in another, the final classification of any culture should take into consideration all other bits of evidence in addition to the pottery. In certain cases this may reveal that social organization developed to the level of class differentiation or occupational specialization in ceremonial affairs without a corresponding improvement in arts and crafts including pottery making. In such a case, although the pottery was Simple, the culture would have to be classified in the Controlled group because its non-ceramic features are more advanced than the socio-political and religious development typically associated with a Simple level of pottery technology. The reverse, however, does not seem demonstrable, so that Controlled pottery is never associated with socio-political and religious features characteristic of the cultures that made Simple pottery. Application of this principle results in a tentative ceramic area delineation (Fig. 3) that coincides better with the boundaries of Steward's culture areas (Fig. 1) than Willey's map of ceramic areas (Fig. 2) does. The improvement results not so much from a difference in the criteria of identification as from a difference in temporal perspective, Willey's areas represent a timeless point of view that emphasizes the presumed of established maximum level of pottery development in each region, whereas our system attempts to show the ceramic development at the same point in time that Steward's culture areas describe.

The examination of development schemes

using pottery, agriculture and settlement pattern as primary criteria for the identification of general level of cultural development shows a considerable degree of consistency in the alignment of the categories. Four formulations were examined (Fig. 4): Steward's (1946-50) 4-fold culture area and culture type classifications; Steward's (1955) 5-fold development sequence for high culture areas; Willey and Phillips' (1955) 6-fold historical developmental sequence and the 7-fold sequence of settlement pattern types worked out by the Summer Seminar of the Society for American Archaeology (Beardsley et al, 1956). A certain amount of overlapping occurs at the beginning and end of the various stages because all aspects of a culture do not develop at the same speed. This leads to the conclusion that no single criterion should ever be used inflexibly for cultural classification. The only reliable identification is one that takes into consideration all features that are discernible to the archeologist.

With the qualification in mind that no single criterion can be depended upon exclusively to give a correct identification in 100% of the cases, we may conclude that ceramic criteria are as reliable as others that have been used, and probably more than a perishable feature like evidence of agriculture. Among the simpler cultures and in the tropical parts of South America, pottery is frequently the major evidence derived from archeological sites. In such situations a ceramic analysis of the type suggested here provides a basis for inferences about the general level of complexity of the culture. Such an identification puts the culture in a framework that makes its interpretation more meaningful and in some cases directs attention to problems that might otherwise be ignored. The more techniques that can be developed to enlarge the scope of archeological interpretation, the greater will be the archeologist's contribution to the reconstruction of cultural development not only in South America, but throughout the world.

BIBLIOGRAFIA

- BEARDSLEY, RICHARD K., PRESTON HOLDER, ALEX D. KRIEGGER, BETTY J. MEGGERS and JOHN B. RINALDO.
1956 Functional and evolutionary implications of community patterning.

- Society for American Archeology*
Memoir 12.
- BENNETT, WENDELL C. and JUNIUS B. BIRD
1949 *Andean culture history*. American Museum of Natural history Handbook Series n.º 15. New York.
- KROEBER, ALFRED L.
1948 Summary and interpretations. *In* A Reappraisal of Peruvian archaeology, *Society for American Archaeology Memoir* 4: 113 — 121.
- LOWIE, ROBERT H.
1948 The Tropical Forests: an introduction. *In* Handbook of South American Indians, *Bureau of American Ethnology Bulletin* (143) 3:1 — 56.
- MURDOCK, GEORGE P.
1951 South American culture areas. *Southwestern Journal Anthropology*, 7: 415 — 436.
- OSGOOD, CORNELIUS and GEORGE D. HOWARD
1943 An archeological survey of Venezuela. Yale University Publications in Anthropology N.º 27 — New Haven.
- ROUSE, IRVING
1953 The Circum-Caribbean theory. an archeological test. *American Anthropologist*, 55:188 — 200.
- STEWART, JULIAN H.
1946-50 Handbook of South American Indians. Bureau of *American Ethnology Bulletin* (143) 1-6. Smithsonian Institution, Washington D. C.
1948 The Circum-Caribbean tribes: an introduction. *In* Handbook of South American Indians. *Bureau of American Ethnology Bulletin* (143). 4: 1-41.
1955 *Theory of culture change: the methodology of multilineal evolution*. University of Illinois Press. Urbana, Illinois, 1955.
- WILLEY, GORDON R.
1949 Ceramics. *In* Handbook of South American Indians, *Bureau of American Ethnology Bulletin* (143), 5: 139 — 204.
- WILLEY, GORDON R. and PHILIP PHILLIPS
1955 Method and theory in American archeology II: historical-development interpretation. *American Anthropologist*, 57:723 — 819.